



## ‘AQUI COMPRA SE GALLINHAS E M<sup>S</sup> ALGUMA COUSA’: UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA NO CONTEXTO DA PASSIVA SINTÉTICA OU PRONOMINAL, EM CARTAS MANUSCRITAS DO SÉCULO XIX

Grace dos Anjos Freire Bandeira – [gracebandeira@ufam.edu.br](mailto:gracebandeira@ufam.edu.br)  
Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus, Amazonas, Brasil;  
Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM);  
<https://orcid.org/0000-0002-0228-8947>

**RESUMO:** Nos estudos que temos desenvolvido sobre os usos do reflexivo SE, ou concluímos sobre a tendência ao seu apagamento, ou refletimos sobre a sua trajetória no exercício das diversas funções sintático-semânticas que tem assumido. Neste artigo, em particular, trazemos o ‘se’, sob uma abordagem variacionista (LABOV, 1972), não só para descrever o seu comportamento como recurso da indeterminação, em cartas manuscritas do século XIX, mas também para tratar de sua luta com o ‘se apassivador’. Trata-se de uma pesquisa que estuda a relação entre a diminuição da frequência da concordância em estruturas com *se* e a interpretação desse reflexivo, ou como indeterminador, ou como apassivador (GALVES, 1996, p. 392). O *corpus* de nossa pesquisa se constitui de 44 cartas escritas à mão, que datam de 1879 a 1889, representando, assim, um decênio de registros, em português, no Amazonas dos tempos áureos da borracha. Nossos resultados, ainda que parciais, corroboram o percurso apontado por Bechara (2004, p. 178): da passiva à indeterminação – não (mais) ‘compram-se galinhas’, mas ‘compra-se galinhas’, como ilustrado no título deste artigo; indicando que, nesse contexto sintático, as ações expressas pelos verbos são assumidas a partir de seus agentes e não de seus pacientes (VILELA; KOCH, 2001, p. 181).

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação; Concordância Verbal; Reflexivo SE; Cartas manuscritas.

### 1 INTRODUÇÃO

A investigação de que trata este artigo sobre a interpretação do reflexivo *se*, em contexto de voz passiva sintética ou pronominal, tem por objetivo analisar o comportamento sintático de *se*, sob uma abordagem variacionista (LABOV, 1972), não só para descrever o contexto de uso desse pronome como recurso da indeterminação, em cartas manuscritas do século XIX, mas também para tratar de sua luta com o *se* apassivador.

Com nossos resultados em torno da frequência da concordância em estruturas com *se*, pretendemos contribuir com as pesquisas que buscam compreender a origem e o desenvolvimento histórico do reflexivo em questão; traçando, neste artigo em particular, os aspectos linguísticos que contemplam a opção pela concordância entre verbo e sintagma nominal e a consequente adoção ou do *se*-impessoal ou do *se*-passivo.

Para tal, consideramos 44 (quarenta e quatro) cartas escritas à mão, que datam de 1879 a 1889, representando, assim, um decênio de registros, em português, no Amazonas e no período de apogeu da

extração do látex de seringueiras nesta região. As correspondências objeto de nosso estudo têm sua história relacionada à empresa que se estabelece em Manaus em 1877, sob a primeira razão social de Araújo Rosas & Irmãos, e que se consagra como a maior casa fornecedora de bens de consumo e de produção do período antes descrito.

Em 1989, a empresa chega ao fim; à época com a denominação J. G. Araújo & Cia. Ltda; este, o último nome adotado pela companhia que atuou entre os anos de 1877 e 1989, segundo a Divisão de Pesquisa e Arqueologia do Museu Amazônico, órgão suplementar da Universidade Federal do Amazonas, que tem, sob sua guarda, o que se constituiu como o seu maior acervo: o J.G Araújo.

A empresa que carrega o nome de seu fundador, o comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, também vendia aos interiores amazônicos o que vinha expresso em cartas que eram enviadas para a capital Manaus, sede da companhia, de onde, então, partiam os produtos descritos nas correspondências, tal como o que se conta a seguir e que lemos na carta de Tabatinga (AM), de 9 de fevereiro de 1879: ‘Se não me mandares no 1º vapor o que mandei pedir, me parece que morro de fome’.

No mesmo ano, portanto, 1989, do fechamento da empresa, a família Araújo doa para a Universidade Federal do Amazonas diversos documentos produzidos pela empresa ao longo de mais de 110 anos de atuação; dentre os quais destacamos as escrituras de Seringais, os Contratos de Trabalho e os originais das cartas manuscritas relativas aos aviados da empresa.

No que diz respeito às cartas que são o objeto de nossa pesquisa, o remetente servia-se da correspondência manuscrita para, fundamentalmente, relacionar os produtos de que tinha necessidade, ou para reclamar da qualidade do que havia sido enviado; noutras palavras, o ir e vir de peixes, tecidos, sapatos e outros itens de higiene e limpeza, transportados pelos rios amazônicos, exemplifica o sistema de comercialização que se chamou de aviamento.

Chegando a Manaus, as cartas eram aviadas (como ainda hoje, as receitas médicas), isto é, eram preparadas para despacho; produto a produto era embalado, pesado e endereçado para a cidade do remetente; como o que ilustra o trecho de carta de 27 de março de 1879, a seguir: ‘Olhe que a carne que V. me enviou foi muito pessima, p<sup>r</sup> que aqui o Camacho recebeo pelo Villa Bella um pacote de carne do sul da melhor que tenho visto que vende por 1.200 r<sup>s</sup> o killo, e am<sup>a</sup> nem se póde comer de ruim: mande-me sempre cousas boas, p<sup>s</sup> somos am<sup>os</sup> e fregueses, e desejo ser bem servido e não quero desgostal-o em estar sempre lhe fasendo reclamações, p<sup>r</sup> que V. me prometteo mandar-me bom e barato – o arroz veio m<sup>to</sup> caro tambem?’.

A propósito do conteúdo das cartas, damos destaque ao que nos chega sobre o comportamento do homem que viveu os tempos de extração do látex da borracha, alguns dos quais de grande prosperidade econômica – ‘eu não como far<sup>a</sup> e sim bolaxas no almoço e na janta, e se puder mande pão

torrado bom que os Sold<sup>os</sup> pediraõ-me mandando-me V. p<sup>r</sup> favor uma nota como devo aqui vender a eles o k ou a unid. p<sup>a</sup> eu não perder: eles querem tambem assucar e café’ (6/4/1879). Outros, de conhecida dificuldade diante da escassez de produtos básicos ou da falta de conforto decorrente, por exemplo, da excessiva exposição aos insetos, principalmente com a chegada da noite – ‘ha dias que não se pode estar, é preciso entrar p<sup>a</sup> o mosquiteiro, a praga é tanta que não se pode suportar por que chegaõ morder p<sup>r</sup> cima das meias e da roupa do corpo, emfim é o peor lugar que tenho visto; não tenho outro remedio senaõ hir suportando até q<sup>do</sup> Deos quizer’ (15/1/1879).

Além das notas sociais e humanas, as cartas nos possibilitam o estudo de diversas questões linguísticas, tais como as abreviaturas (far<sup>a</sup>, farinha; p<sup>s</sup>, pois; am<sup>a</sup>, a minha; m<sup>to</sup>, muito; am<sup>os</sup>, amigos), talvez em razão do acesso a pouca tinta para as canetas tinteiro; o emprego de V. ou Vm<sup>ce</sup>, indicando o tratamento preferencialmente dado ao destinatário (vossa mercê); e, ainda, o uso aleatório de ‘s’ e ‘z’ em ‘quizer, fasendo, assucar’, por exemplo, possivelmente também porque ainda não tínhamos, no Brasil, uma lei para tratar de ortografia no período de escritura das cartas em estudo. As cartas de que tratamos aqui datam de 1879 a 1889 e o Primeiro Formulário Ortográfico de 1911 não foi adotado no Brasil, mas somente em Portugal.

Ainda em relação ao trato linguístico, chamou-nos a atenção o conjunto de dados em variação, como a seguir – ‘prejuiso (prejuízo), dessedir (decidir), sinhora (senhora), infadonha (enfadonha)’; ou ‘para se comprar alguma cousa que se comer’ em concorrência com ‘para comprar o que comer’; ou ainda, ‘Tudo que eu pesso me mande’ em disputa com ‘mande-me alem do que pesso’. Estes e outros usos têm nos permitido, por conseguinte, o estudo de fenômenos variáveis, não somente nos níveis lexical e fonológico, como também nos níveis morfológico e morfossintático, com vistas ao controle e descrição das ocorrências de formas variantes, nos termos de Coelho *et al.* (2010, p. 47): “variantes são alternativas de se dizer a mesma coisa, ou seja, oferecem a mesma informação referencial”.

Sob tal perspectiva de estudo da língua, portanto, trazemos, neste artigo, a construção ‘Aqui compra se galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’, que entendemos possa ser estudada como forma que se alterna com aquela que é proposta tradicionalmente e é expressão de uso padrão, ou de prestígio, ao trazer o traço [+ concordância] para dizer que ‘galinhas e mais alguma coisa são compradas aqui’; donde, ‘compram-se’, em lugar de ‘compra-se’.

Ao assumirmos, então, que o enunciado ‘Aqui compra se galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’ licencia o estudo de ‘compra-se’ em cotejo com ‘compram-se’, estamos aceitando avaliar o comportamento de ‘se’ como um caso de variação em termos linguísticos, ora determinado pela presença da concordância verbal, ora pela sua ausência.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

O trecho de carta que escolhemos para dar nome a este artigo data de 10 de janeiro de 1879: ‘Aqui compra se galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’. Nele, identificamos um ‘se’ que é antecedido de verbo no singular, ‘compra’, e seguido de sintagma nominal no plural, ‘galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’. Se trouxermos, a uma sentença como essa, o olhar da gramática prescritiva, diremos tratar-se de uma construção passiva, porque equivalente a ‘galinhas e mais alguma coisa são compradas aqui’.

Nestes termos, o uso analítico ‘são compradas’ equivaleria a ‘compram-se’, uso sintético quando com o ‘se’. Isso para dizer, como propõe André (1982, p. 120), que, em português, há a “passiva pronominal, com um verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*. Exs.: Dá-se a terra a quem quiser. Alugam-se casas”. No entender do autor, portanto, fazemos concordar, no primeiro exemplo, ‘terra’ com ‘dá-se’ (ambos no singular), porque equivalente a dizermos ‘a terra é dada’; e, depois, no segundo exemplo, ‘casas’ com ‘alugam-se’ (ambos no plural), porque correspondente a ‘casas são alugadas’.

No que diz respeito à interpretação que registramos sobre ‘alugam-se casas’, acima, encontramos Said Ali (1957, p. 101) que diz que a passiva sintética (portanto a passiva com *se*) e a passiva analítica são diferentes na forma e no sentido. Para o autor, uma frase como ‘aluga-se esta casa’ anuncia que existe casa disponível ao aluguel; o que seria diferente de ‘esta casa é alugada’, pois que, nesta última frase, o entendimento possível é que a casa já estaria ocupada; demonstrando, assim, que as construções passivas, sintéticas e analíticas, podem não ser equivalentes semanticamente.

Sobre o mesmo tema e citando o exemplo ‘Doa-se/Vende-se lindos filhotes de poodle’, Scherre (2005, p. 82) afirma que a argumentação das gramáticas normativas em relação à transitividade dos verbos e o *se* não é consistente: “a ausência de verbo plural em *doa-se filhotes* ocorre pelo fato de o falante/escritor nativo não interpretar *filhotes* como sujeito e sim como objeto direto” (SCHERRE, 2005, p. 87). Para a autora, portanto, quando o falante diz ‘doa-se filhotes’, não promove concordância entre o verbo e filhotes porque não entende como ‘filhotes são doados’, mas como ‘alguém doa filhotes’.

É o que também propõe Nascentes (1938) acerca de ‘vendem-se casas’. O autor afirma que “a idéia é de que alguém, que não se sabe quem seja, vende casas e não que casas sejam vendidas por alguém. A prova é que na linguagem vulgar o verbo vai para o singular” (NASCENTES, 1938, p. 261). Reforça, assim, o autor que o falante do português diria ‘vende-se casas’, sem promover a concordância entre o verbo vender e o sintagma nominal casas.

Por fim, sobre ‘Vende-se ovos frescos’, Silva e Koch (1996, p. 66) concluem que o *se* representa o agente da ação expressa pelo verbo, na construção que chamam de passiva pronominal, “em que o locutor simplesmente indetermina o sujeito”, passando a dizer ‘Vende-se ovos’. Para as autoras, a forma

plural ‘vendem-se’, neste caso, corresponde tão somente ao que a gramática normativa nos impõe como forma correta.

Quando nos referimos, no entanto, aos usos efetivos da língua, em se considerando o que apresentamos antes, nós nos vemos diante de dizeres que explicitam, fundamentalmente, a diversidade em termos linguísticos. Bem a esse respeito é que tornamos oportuno um método de investigação que analisa a língua numa perspectiva social, ao ensinar, principalmente, a descrição detalhada de variantes, nos termos de Labov (1972), quando propõe que existam formas alternativas de se dizer uma mesma coisa com um mesmo valor referencial e denotativo.

Ao trazermos, portanto, a construção verbo transitivo direto + se + sintagma nominal como lugar de variação, desejamos conhecer como tal contexto sintático pode ser interpretado: se como uma estrutura ativa com indeterminação do sujeito, se como passiva. Nosso propósito é também o de recuar a um período específico de tempos passados, quer seja o decênio 1879-1889, para descrever a variação que estamos discutindo em relação àquela sincronia pretérita e, dessa maneira, revelar os empregos de *se* frente ao que nomeamos como hipótese de pesquisa: como decorrência da perda do valor passivo das chamadas passivas sintéticas, o se-passivo cede lugar ao se-indeterminador.

Sobre o mesmo tema, Galves (1996) registra, em relação ao sistema pronominal do português brasileiro,

um terceiro aspecto da mudança ocorrida no século XIX é a diminuição da frequência da concordância em estruturas com *se* estudada por Nunes (1990, 1991), que analisa essa evolução como um sinal de que o *se* tende a ser interpretado como indeterminador e não mais como apassivador (GALVES, 1996, p. 392).

Para ilustrar essa tendência, citamos Magalhães (2018, p. 127), cujos resultados indicam o ingresso significativo da variante linguística nomeada no trabalho como “variante verbal sem concordância em construções passivas sintéticas” no universo da escrita jornalística cearense, produzida no final da segunda década do século XXI.

E citamos também Menon (1994), que traz resultados sobre estruturas com se e sem concordância, como o exemplo retirado do Projeto NURC/SP ‘agora se cortam as folhas quer dizer ø tira os talos se lava bem essas folhas e ...’ (grifo nosso): 103 (cento e três) ocorrências da estrutura com se e sem concordância (com o “pretense sujeito” da Gramática Tradicional), isto é, três vezes mais dados do que os daquela com concordância. Com base nesses resultados, Menon (1994, p. 248) assume que o *se* da estrutura [se + verbo no singular + sujeito plural] é pronome sujeito de referência indeterminada e, por isso, também variante da variável recursos de indeterminação do sujeito; tal como ‘a gente, eles, eu, nós, se, você, vocês’ e outros.

Como demonstramos, a construção tradicional de voz passiva sintética, entendida como aquela em que o *se* figura como índice de apassivação, tende ao desaparecimento, à medida em que o falante passa a assumir a ação expressa pelo verbo não mais a partir do paciente. Não se pensaria (mais) sobre ‘botões são forrados’, com botões (o paciente) iniciando a descrição da ação.

Pelo contrário, a perspectiva que ascende, relativamente ao contexto em estudo, é a que dispõe o agente da ação em lugar de destaque, ou seja, é a que dá interpretação ativa às ações expressas pelos verbos: então, diríamos ‘forra-se botões’, porque o falante tende a assumir a ação a partir de seu agente; donde o entendimento como sendo o de que ‘alguém forra botões’, sem marca de concordância verbal.

Desta disputa, sobressai, por conseguinte, o *se* indeterminador, aquele que “concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito” (MENON, 2006, p. 128), ou ainda, onde permanece o conteúdo semântico da indeterminação, que é atrelado ao da genericidade, entendido como a impossibilidade de se recuperar o referente (MENON, 2006, p. 134).

Referindo-se a zonas de maior ou menor indeterminação do sujeito, Ilari *et al.* (1996) discutem, também, o caráter passivo de enunciados com verbo transitivo direto e o *se*. Com o exemplo do Projeto NURC/POA ‘como é que se chama aquelas florzinha(s) branquinha(s) bem cheirosa’, os autores demonstram que, apesar de a gramática escolar determinar como regra o uso do verbo no plural, o falante ignora a função sujeito do termo com o que verbo deveria concordar em número e por isso, toma-o como objeto e não realiza a concordância obrigada pela Gramática Tradicional. Para os autores, isso explica o fato de que os enunciados com algum grau de indeterminação ficam abrangidos no “conjunto indeterminado a que esse emprego do *se* remete” (ILARI *et al.*, 1996, p. 107).

À luz do que trouxemos até então, assumimos ser possível estudar a construção passiva com *se* (do tipo ‘colhem-se flores’) como expressão variável daquelas nomeadas como índice de indeterminação do sujeito (do tipo ‘colhe-se flores’). Uma e outra, a saber, com [+/- marca de concordância], conforme demonstrado anteriormente, têm se alternado num mesmo contexto sintático; licenciando, assim, o seu estudo numa perspectiva em que duas ou mais formas, de um mesmo valor referencial, estão em variação; no caso em questão, no nível sintático da língua. Por essa razão, adotamos a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), para tratar do fenômeno variável da concordância no contexto da passiva sintética ou pronominal.

Sob o aparato teórico da Sociolinguística variacionista, propõe-se o controle de ocorrências de formas variantes, em função dos condicionadores linguísticos e sociais selecionados para a análise estatística dos dados. O que é possível porque, nos limites da Teoria, o sistema linguístico tem caráter heterogêneo, e, em admitindo variações sistemáticas, contempla a possibilidade de que, em certos casos, a variação é inerente à própria língua. Nestes termos, motivada por condicionadores internos à língua (os

linguísticos); noutros, pelos condicionadores externos (os extralinguísticos, como sexo, escolaridade, localidade etc); num e noutro caso, motivando ou restringindo a variação.

Desejamos, então, saber, sob tal perspectiva de estudo de uma língua, qual é o padrão de uso mais frequente, em se considerando o contexto que envolve a concordância ou a não-concordância entre verbo e sintagma nominal. Interessa-nos conhecer se, nas cartas escritas à mão, entre os anos de 1879 e 1889, as construções envolvendo o se, em contexto de voz passiva, promoviam ou não a concordância verbal, quando com sintagmas nominais no plural. O que, por desdobramento, tornará possível dizermos qual interpretação desse contexto reflete o uso de *se* nas cartas: i) se passiva; ou ii) se ativa com sujeito indeterminado.

Registramos, por fim, que, em razão do estágio de nossa pesquisa, ainda sem números em termos de pesos relativos, trazemos as discussões sobre o tema em estudo, pautadas, principalmente, na descrição de nosso conjunto de dados e no cotejo com outros resultados de pesquisa. Resta-nos informar, também, que temos tido dificuldade quanto à variável sexo do informante, por termos encontrado, até o momento, somente uma única remetente do sexo feminino; o que, linhas gerais, atesta que poucas mulheres sabiam escrever à época e que eram seus maridos (fundamentalmente), ou seus irmãos, que falavam em seu nome nas cartinhas, para solicitar os itens de que a mulher tinha necessidade (SILVA, 1974). O mesmo se dá em relação à variável escolaridade, porque não tivemos sucesso, até então, em conhecer os anos de estudo sistemático dos remetentes das cartas.

### 3 AOS DADOS, PARA DESCRIÇÃO E ANÁLISE

O *corpus* de nossa pesquisa se constitui de 44 cartas escritas à mão, porque deixamos de lado aquelas que nos pareceram resultar do preenchimento de um formulário previamente convencionado para a apresentação dos pedidos a aviar. As correspondências em estudo datam de 1879 a 1889, representando, assim, um decênio de registros em português no Amazonas dos tempos áureos da borracha.

Neste conjunto de dados, todas as cartas são assinadas por remetentes do sexo masculino, que incluem, entre os seus pedidos, aqueles que se referem às necessidades materiais de mulheres – irmãs, mães ou esposas; tal como em 27 de março de 1879: ‘A Santa Anna manda não só lhe agradecer as encommendas dellas que foram boas [...] e não se esqueça da chita que ella pedio p<sup>a</sup> vestidos de casa boa, larga e barata’.

Em se considerando as 44 cartas para fins do estudo da concordância verbal como um fato variável (na nossa pesquisa, no contexto da passiva sintética ou pronominal), estabelecemos como variável dependente a presença/ausência de marca explícita de plural. Isto para cotejar com os resultados

de Nunes (1990, p. 77), sobre estudo descritivo da discordância verbal em passivas sintéticas: “Como podemos perceber, no século XIX, as passivas sintéticas sem concordância superam as passivas com concordância, tornando-se a forma predominante do século XX (84%)”.

Dados selecionados, nós assim os organizamos: 22 (vinte e duas) ocorrências de potencial interpretação passiva, sem ainda distinguir se com ou sem marca de concordância formal entre o verbo e o sintagma nominal, tal como lemos em carta de 27/3/1879: ‘uma lata de azeitonas, meia caixa com batatas que aqui se vende muito e eu tambem como com o bacalháo’. Acerca desse dado, consideramos ser possível também interpretar como ‘azeitonas e batatas que aqui se vendem muito’, de potencial sentido passivo, portanto. Ao optar, diferentemente, pelo uso do verbo no singular, ainda que em relação a uma lata de azeitonas e mais meia caixa com batatas, o remetente escolhe não fazer concordar o sintagma nominal com o verbo, abrindo a possibilidade de interpretação para além do sentido passivo, quer seja o de sentido ativo com indeterminação do sujeito.

Tomando-se os cuidados e procedimentos acima descritos, assumimos, sobre o total de 22 (vinte e duas ocorrências), que são 20 (vinte) os casos que podem ser abrangidos pelo que tradicionalmente se vem chamando de passiva sintética ou pronominal e 2 (dois), tão somente dois os empregos de passiva analítica, como os que se seguem e são expressões de uma mesma carta de 6/1/1889: ‘Ha muito que esperava alguma dessizaõ da parte de Vm<sup>ces</sup> sobre as redes que o Snr Longino Bueno, mandou para serem vendidas por intermedio de de Vm<sup>ces</sup> e o productos me serem acreditados’ (grifo nosso).

Sobre esses dois únicos casos de passiva analítica, com o verbo auxiliar ‘ser’, seguido de participípio de vender e creditar (este último, com prótese de ‘a’<sup>1</sup>): ‘serem vendidas, serem acreditados’, destacamos que, nos dois contextos sintáticos, os sujeitos gramaticais são não marcados quanto à animacidade – redes e produtos [-animacidade].

A passiva analítica não é nosso objeto de estudo, aqui, mas sim a passiva sintética ou pronominal com ‘se’. Todo modo, quando trazemos o traço semântico da animacidade do sujeito, nos trabalhos com o reflexivo ‘se’, nós o fazemos para verificar se a não marcação da concordância verbal pode estar atrelada ao traço [-animacidade] do sintagma nominal; relação esta que foi demonstrada por Tarallo (2005, p. 43), ao afirmar que “SNs referentes de natureza animada favorecem sua posterior pronominalização na fala”.

A propósito dos resultados em processo de descrição, observamos, relativamente aos (20) vinte dados de passiva sintética ou pronominal de nossa pesquisa, que o sintagma nominal nem sempre está anteposto ao verbo, como no exemplo anterior que traz, primeiro, uma lata de azeitonas e meia caixa com batatas, e depois o verbo vender.

---

<sup>1</sup> A prótese ou prótese, segundo Coutinho (1976, p. 146), é metaplasmo por aumento e se refere aos casos em que ocorre “aumento de som no começo do vocábulo, como em star>estar, scutu>escudo etc”.

Contrariamente à anteposição do sintagma nominal em relação ao verbo, constatamos 9 (nove) ocorrências com dados que apresentam o sintagma nominal posposto ao verbo, tal como a do ano de 1879, mas sem dia e mês legíveis: ‘as tartarugas custão aqui 4 e 5 mil r<sup>s</sup> – entretanto que se compra a 1000 r<sup>s</sup> cada uma’ (grifo nosso). Ressaltamos que, neste dado, o sintagma nominal que se relaciona diretamente com o verbo comprar – ‘que se compra’ – é a locução nominal ‘cada uma’; enfatizando o preço unitário, em réis (moeda da época), de cada tartaruga. Assumimos, pois, como sendo possível também interpretar tal relação como tendo sentido passivo: ‘entretanto é comprada a um mil réis cada tartaruga’.

A respeito da flexão em número do sintagma nominal, damos destaque aos 5 (cinco) casos com traço [+concordância], todos exemplares da posição pós-verbal, como em carta de 20/4/1879: ‘os [rasura] searenses recebem todos os mezes tres contos e tanto [ilegível] i compra-se muitos generos’ (grifo nosso). Neste caso, assim como naquele que trazemos no título deste artigo, ‘Aqui compra se galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’, dão-se duas linhas de interpretação: uma, que resulta da adoção de uma forma padrão ou de prestígio da língua – em contexto de passiva sintética, verbos concordam com seu sujeito, mesmo quando em posição pós verbal. Donde, ‘compram-se gêneros’ e ‘compram-se galinhas’. Novamente, a título de ênfase, porque aqui se entende que tanto gêneros quanto galinhas são sujeitos do verbo comprar. Esta, a variante padrão, ou conservadora.

Outra interpretação exemplifica a forma menos marcada de concordância, porque ali se perdeu ou não é (mais) entendida a ‘necessidade de fazer concordar’ o verbo com o sintagma nominal posposto, em função sujeito. Esta é identificada como a variante inovadora, não padrão, que não só expõe a posição pós verbal do sintagma nominal como sendo desfavorecedora da marcação de plural no verbo, como também aponta para a escolha preferencial da interpretação ativa dos contextos em estudo, em detrimento do sentido passivo.

Reportando-nos aos dados imediatamente acima, ‘compra-se muitos generos’ e ‘compra se galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’, o entendimento é o de que alguém compra gêneros, ou galinhas, ou mais alguma coisa. No centro da atenção, fica o agente da ação expressa pelo verbo; o que, por conseguinte, retira galinhas e gêneros da função sujeito, desobrigando, assim, a concordância entre estes e o verbo. Nessa perspectiva, ativa, os sintagmas nominais, galinhas e gêneros, não seriam mais sujeitos mas complementos verbais.

Tomando-se, então, somente os dados de nossa pesquisa em que há sintagmas nominais no plural, concluímos pela adoção da perspectiva ativa entre os remetentes das cartas objeto de nosso estudo: nelas, 100% de ausência de concordância nos cinco dados com sintagma nominal plural e posposto ao verbo.

Informamos, por fim, que não estão quantificados, nos resultados parciais a que fazemos referência aqui, os casos com verbos em perífrase ou locução verbal, tal como o dado de 11/1/1879: ‘e se elle não quizer trazer pague conforme a tabella e não se fica devendo favores’(grifo nosso).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos em descrição neste artigo estão sob o abrigo do Projeto de Pesquisa “Cartas dos séculos XIX e XX: organização de um corpus diacrônico do português registrado no Amazonas no período áureo da borracha”, que tem o objetivo de digitalizar as cartas do acervo J. G. Araújo, com vistas à seleção e organização de um conjunto de dados escritos, nos quais espera-se encontrar elementos linguísticos de natureza diversa, que possivelmente evidenciem supostas características de uma variedade típica do português registrado no Amazonas.

Desta vez, trouxemos o reflexivo *se*, para tratar de dois de seus usos: do *se* apassivador, em disputa com o *se* indeterminador; assumindo-se, como afirma Ilari (1992, p. 106), que “as principais novidades na sintaxe dos pronomes afetam o reflexivo *se*, que assume algumas funções totalmente desconhecidas na sintaxe clássica”.

No contexto do *se* apassivador, esperamos responder às orientações que recebemos das gramáticas de natureza prescritiva, aquela que “tem por finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções ‘corretas’ e rejeitando as ‘incorretas’, ou não recomendadas pela tradição culta” (BECHARA, 2014, p. 20).

Melhor dizendo, levando-se em conta, essencialmente, os nossos resultados e aqueles a que fizemos referência até então, parece-nos possível concluir que o *se* apassivador tende a somente existir nas gramáticas pautadas em preocupações normativas, pois que seu emprego, aliado à obrigatoriedade de fazer concordância entre o verbo e o sintagma nominal (em função sujeito), reflete uma construção cada vez menos escolhida pelos falantes do nosso português.

Noutro lado, o *se* indeterminador é projetado como o vencedor dessa batalha, ou, pelo menos, como forte concorrente nessa disputa em curso. Nos termos de Azeredo (2010, p. 275), “o sentimento de indeterminação do agente prevalece sobre o caráter passivo da construção”.

Quando dizemos, finalmente, que não encontramos, até ao estágio atual de nossa pesquisa, nenhum caso de verbo com marcação de plural porque seguido de sintagma nominal no plural e em contexto de passiva sintética, estamos corroborando o percurso apontado por Bechara (2004, p. 178): da passiva à indeterminação; indicando que, nesse contexto sintático, as ações expressas pelos verbos são assumidas a partir de seus agentes e não de seus pacientes (VILELA; KOCH, 2001, p. 181).

## 5 REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática Ilustrada*. 3. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Honais da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- BECHARA, Evanildo. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, Maria Helena de Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs). *Gramáticas Contemporâneas do Português: com a palavra, os autores*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 19-30.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- GALVES, Charlotte C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 387-408.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos & NEVES, Maria H. M. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de.; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do Português Falado. v. IV: Estudos Descritivos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 79-166.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MAGALHÃES, Hugo Leonardo Pereira. Análise sociofuncionalista da variação de concordância verbal em construções de voz passiva sintética em textos jornalísticos cearenses. 2018. 146f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.
- MENON, Odete Pereira da Silva. Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, a partir des données du NURC/SP. Tese de doutorado, Université de Paris VII, Paris, 1994.
- MENON, Odete Pereira da Silva. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006. p.125-167.
- NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Machado e Livraria Alves, 1938.
- NUNES, Jairo de Moraes. O famigerado Se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com Se apassivador e indeterminador. 172 fl. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1990.
- NUNES, Jairo de Moraes. Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (20):33-58, 1991.

SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Transmissão, conservação e fusão cultural no Rio de Janeiro (1808-1821). *Revista de História* (USP), v. XLVII, n. 97, p. 154-159, jan./mar 1974.

SILVA, M. Cecília P. de Souza; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe*. 7. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sócio-linguística*. 7. ed., São Paulo: Ática, 2005.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Porto, Portugal: Almedina, 2001.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

**Title**

‘Aqui compra se galinhas e m<sup>s</sup> alguma cousa’: a study on the variable phenomenon of concordance in the context of synthetic or pronominal passive, in handwritten letters of the 19th century.

**Abstract**

In the studies that we have developed on the uses of the reflective SE, we either conclude about the tendency to erase it, or we reflect on its trajectory in the exercise of the various syntactic-semantic functions that it has assumed. In this article, in particular, we bring the 'se', under a variationist approach (LABOV, 1972), not only to describe its behavior as a resource of indeterminacy, in handwritten letters of the 19th century, but also to deal with its competition with the 'se passive'. It is a research that studies the relationship between the decrease in the frequency of agreement in structures with SE and the interpretation of that reflective, either as indeterminate, or as passive (GALVES, 1996, p. 392). The *corpus* of our research consists of 44 handwritten letters, dating from 1879 to 1889, thus representing a decade of records, in Portuguese, in the Amazon of the golden days of rubber. Our results, although partial, corroborate the path pointed out by Bechara (2004, p. 178): from passive to indeterminacy - no (more) 'compram-se galinhas', but 'compra-se galinhas', as illustrated in the title of this article; indicating that, in this syntactic context, the actions expressed by the verbs are assumed from their agents and not from their patients (VILELA; KOCH, 2001, p. 181).

**Keywords**

Variation; Verbal agreement; Reflective SE; Handwritten letters.

---

Recebido em: 24/08/2020.

Aceito em: 05/03/2021.